

Novela ajuda a trazer adulto de

Metodologia Tecendo o Saber, da Fundação Roberto Marinho, consegue despertar o interesse no estudo de

Regiane de Oliveira

roliveira@brasileconomico.com.br

O que afasta um adulto da sala de aula? Sunamita Fontenelle, chefe da divisão de Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Teresina, que trabalha com cerca de 2,6 mil alunos, aponta a violência em regiões próximas à escola no período noturno como um dos motivos. Mas não a razão principal. O problema está na sala de aula. “O aluno de EJA chega com a autoestima muito debilitada e precisa que a escola valorize sua experiência de vida, que ele possa se reconhecer nos temas tratados nas aulas”, afirma. Nada diferente do que o educador Paulo Freire já gritava aos quatro cantos do país na década de 1960, quando lançou um método capaz de alfabetizar trabalhadores do campo em 45 dias e sem a cartilha didática.

Cinquenta anos depois, o Brasil avançou na alfabetização. Saímos de 44,9% de analfabetos na década de 1960, para 9,7%, segundo dados da Pesquisa Nacional de Domicílios de 2009. Porém, só alfabetizar não é mais suficiente. O país conta com 64,8 milhões (44,6%) de pessoas sem o fundamental completo, incapazes de escrever e compreender sentenças simples de texto, por exemplo.

Mas existem métodos capazes de levar este aluno de volta à sala de aula. Se na época de Paulo Freire o livro didático era o vilão, com sua metodologia de repetição de palavras soltas e sem contato com a realidade, hoje as distrações são outras. “Perdemos alunos à noite por causa da novela. Então por que não levar a novela para dentro das classes?”, pergunta Regina Célia Siqueira, superintendente da Alfamol, organização civil que trabalha com a alfabetização e capacitação de jovens e adultos.

Personagens como Chacrinha e viúva Porcina (Roque Santeiro) podem ser encontrados nos conteúdos didáticos da coleção Tecendo o Saber, que oferece uma alternativa pedagógica para o ensino fundamental (1ª a 4ª série). O material, desenvolvido há seis anos pela Fundação Roberto Marinho e pela Vale foi baseado nos 30 anos de experiência da metodologia do Telecurso 2º grau e tem como foco um público com mais de 15 anos que não consolidou a alfabetização.

A coleção conta com livros para alunos e professores e 65 programas de televisão, além de 10 programas de formação para o docente. “Trabalhamos com uma concepção inovadora que garante que o aluno verá sentido naquilo que está aprendendo”, explica Vilma Guimarães, ge-

O Brasil avançou na alfabetização desde os tempos de Paulo Freire, porém só aprender a ler e a escrever não é suficiente. Hoje, 44,6% da população brasileira não tem o ensino fundamental completo

rente-geral de educação e implementação da Fundação Roberto Marinho. O material foi desenvolvido juntamente com o Instituto Paulo Freire e já foi exportado para outros países de língua portuguesa, como Timor Leste, Moçambique e Angola.

A metodologia se sustenta na telesala, que trabalha com a produção coletiva de conhecimento, onde o aluno tem de usar diariamente suas habilidades para expressar os conhecimentos construídos. Sempre com base em pesquisas de histórias reais. “A escola não pode mais propor atividades que não tem a ver com a vida. O aluno precisa se reconhecer nos temas, em situações que ele já passou e, como os personagens da dramaturgia, que ele também pode superar.”

A experiência em Teresina

Desde 2009, Teresina é uma das centenas de cidades brasileiras que utilizam os projetos de EJA da Alfabetização Solidária, com material do Tecendo o Saber. No Piauí, 80% da população com mais de 15 anos não completou o ensino fundamental. E a mudança na metodologia vem ajudando a manter o aluno na escola. “A evasão caiu de 29% em 2008 para 22% ao fim de um ano de utilização do material”, afirma a educadora Sunamita. No ano passado, a desistência foi de aproximadamente 20%. ■

Manter aluno adulto na escola é o desafio



Divulgação

A FRASE



“O aluno tem de ser percebido pela escola como sujeito de sua história e também da história de seu tempo”

Cristina Guimarães, gerente-geral da Fundação Roberto Marinho

NA TRILHA DA EJA

Programas de governo sem continuidade marcam educação de adultos

1930

A Constituição de 1934 cria o Plano Nacional de Educação, que, pela primeira vez, coloca a educação gratuita e de frequência obrigatória de adultos como dever do Estado

1940

O governo lança em 1947 a Campanha de Educação de Adultos, com uma proposta ambiciosa: oferecer cursos capazes de alfabetizar os adultos em três meses. Além de oferecer curso primário em sete meses

1950

Criada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), com prioridade para a educação de jovens e adultos. A ação foi extinta em 1963

Fontes: Brasil Econômico, EJA: uma educação possível ou mera utopia - Universidade Institucional de Lisboa

volta à escola

jovens e adultos que ainda estão em fase de alfabetização

Fábio Gonçalves/Ag. O Dia



1970

Incício do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), que tinha como meta acabar com o analfabetismo em 10 anos. Em 1971, o país ganha as primeiras turmas de supletivo

1980

O Mobral foi extinto em 1985 e substituído pela Fundação Educar, sem cumprir sua meta. No início dos anos 80, o censo registrava 25,5% de pessoas analfabetas no país

1990

A Fundação Educar é extinta no início do governo Collor, dentro do projeto de reduzir o tamanho da máquina administrativa. As ações de EJA passaram a ser responsabilidade de estados e municípios

2000

O MEC anunciou em 2003 que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade e lançou a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, com meta de acabar com o analfabetismo durante o mandato Lula. Ainda hoje, 9,7% da população do país é analfabeta

Matéria